

Políptico do Itamaraty

.....

Texto de Fayga Ostrower para o catálogo da exposição de apresentação do Políptico do Itamaraty e dos estudos feitos para chegar ao conjunto definitivo. MAM, Rio de Janeiro, junho de 1968.

Foi mantida a grafia original.

o espectador talvez estranhe o longo tempo de elaboração para êste painel. acontece, porém, que no decorrer do trabalho, isto é, partindo de uma idéia inicial e procurando ampliar e defini-la, apresentaram-se tantas opções, e das mais fascinantes, que me senti obrigada a experimentá-las extensivamente antes de aceitar ou abandoná-las. de fato, diante desta multitude inesperada de possibilidades, a elaboração interna se prolongou por muito mais tempo do que, ao empreender o trabalho, eu tinha previsto.

quando o itamaraty me pediu várias gravuras, com o dado adicional de que seriam colocadas como conjunto separado em uma de suas salas de recepção no novo palácio em Brasília, imediatamente veio-me à mente a imagem uma série. seriam gravuras individuais, independentes, porém interligadas por côres e ritmos que, em conjunto, poderiam funcionar como uma espécie de políptico. tôda vez que pensava nela, esta idéia ganhava em lógica e ressonâncias emotivas. por fim, envolvia minha imaginação de modo tão total, absorvendo pensamentos, emoções, recordações de experiências artesanais e formais ainda recentemente feitas, que, por assim dizer, acabou criando vida própria. uma vida pela qual eu era responsável, como se estivesse esperando um filho meu. pode parecer exagero, mas é verdade que durante meses eu só comia, sonhava, dormia, ou não dormia, em função dêste painel e dos problemas que dia a dia se me apresentavam. pois, à medida que os dias se somavam, para finalmente acumular-se nos 7 meses, o trabalho se tornava mais fascinante e mais tenso. sem me dar conta, eu tinha embarcado numa perfeita aventura, na busca de algo que ainda era desconhecido, me escapava, embora ao mesmo tempo seu alvo parecesse tão próximo, quase ao alcance de minha mão. quase. mas se muitos daquêles dias terminavam com um sentido de profunda frustração, é verdade também que, nessa tensão contínua e na emoção que apesar de tudo se renovava, vim a aprender muito. foi, sem dúvida, além de outras, uma experiência maravilhosa de aprendizado.

a imagem que, embora vagamente, desde o início havia se formado dentro de mim e que me guiava em sua procura, foi a de um largo espaço constante, desdobrando-se através de transparências e côres luminosas. mas como articular uma área destas, monumental para a gravura, principalmente levando-se em conta seu caráter íntimo e seus meios técnicos restritos? parti para as primeiras opções: uma composição que deveria basear-se em diagonais e contra-diagonais, bem como numa escala colorística onde dominariam côres quentes, laranjas e vermelhos, que por fim poderiam contrapor-se à côr de prata. e ainda, concomitantemente, uma tessitura gráfica servindo como espécie de fio melódico capaz de

sustentar uma movimentação constante em variações ou inversões, afim de ligar o painel rítmicamente de ponta a ponta. procurei esta linha motriz, que talvez não poderia ter sido outra diante das decisões já tomadas, também dentro da diagonal.

comecei então a elaborar os vários problemas, quer dizer comecei a trabalhar nas gravuras individuais, cortando as matrizes e tirando as primeiras provas, e aí me deparei com a tarefa mais grave : como terminar cada gravura em si e, no entanto, fazer com que elas crescessem entre si, pois queria que constituíssem soluções independentes e transições ao mesmo tempo. o que mais me custou foi exatamente êste ponto, foi manter diante de mim a visão do conjunto e não apenas considerar gravuras isoladas. as 60 versões aqui expostas representam uma parte das soluções que surgiam – só em provas de trabalho devo ter ultrapassado a tiragem final do painel.

enquanto algumas partes do conjunto rapidamente se encaminhavam para uma solução definitiva, outras me detiveram porque, por menores que fôssem as alterações necessárias para melhor ajustar sua forma ou côr, ou apenas a consistência da côr em opacidade ou transparência, exigiam uma série de alterações subseqüentes nas outras gravuras, afim de reestabelecer o equilíbrio total do conjunto, e principalmente a sua dinâmica. muitas versões excluí com uma pena imensa ; considero-as boas gravuras. porém, não levavam o conjunto adiante, ou porque não cresciam suficientemente, ou porque já formulavam um clímax antecipado, ou então ainda, porque de repente se tornavam demais autônomas para poder integrar-se num contexto, a esta altura já mais ou menos definido.

o que eu almejava era alcanças unidade e diversidade ao mesmo tempo, como se estivesse tratando de um tema com variações, mas também queria que o começo, desenvolvimento e fim se sustentassem mutuamente. nisto buscava chegar ao momento exato onde a expansão do espaço articulado pudesse plenamente identificar-se com o próprio formato do painel. não deveria ser maior, nem menor. prever êste momento me era impossível, só poderia reconhecê-lo quando porventura chegasse. surgiria então a minha última opção dentro do trabalho de composição. até aí, é claro, cada passo que dava, me propunha opções semelhantes procurei julgar os resultados com tôda minha capacidade emotiva e intelectual, pos me senti, e sinto-me, profundamente envolvida.

se realizei êste momento final, só o espectador poderá dizer. eu mesma ainda não consegui desligar-me por completo de tantas outras possibilidades que também passaram a existir – necessitaria de um recuo temporal maior afim de poder julgar o trabalho feito, não como autor, mas como apreciador.